

Capixaba ainda discrimina os moradores de morro

ASO 7608

Leonece Barros

Fotos de Gêdo Loyola



Grandes casas de alvenaria localizadas nos morros, ao lado dos barracos, pouco valem



No morro do Forte de São João, sofisticadas antenas parabólicas se misturam aos barracos

Morar no alto de um morro poderia ser um estilo de vida muito elegante e agradável, se não fossem as dificuldades impostas pelo poder público, na opinião do presidente do Conselho Regional dos Corretores de Imóveis (Creci), Daniel Alves, ou se não significasse um estigma de gente ruim, pobre e sem educação e cultura, na classificação preconceituosa dos moradores das planícies de municípios como Vitória e Rio de Janeiro. Neles as prefeituras proíbem construções no nível superior a 50 metros do nível do mar, mas são impotentes para impedir ocupações desordenadas dessas áreas, assim como não conseguem conter determinados políticos que estimulam tais invasões, criando verdadeiros bolsões de miséria, como o caso de gumas favelas.

O preconceito ou discriminação contra quem mora no morro chega a limites tais que se for oferecido um terreno em um morro ou o da Fonte Grande, onde há paisagem linda, um ar mais puro, e acrescentar a essas vantagens o fornecimento de água, iluminação, vias de acesso pavimentadas e ainda alguns equipamentos comunitários como escolas e outros; e um outro exemplo, a Ortiz — na planície —, não será o preferido.

Dificuldades

O presidente do Conselho Regional dos Corretores de Imóveis, Daniel Alves, disse que nem tudo é por um simples preconceito. Ele até afirma com segurança que as pessoas de posses gostariam de morar no morro, mas encontraram desde o princípio uma série de impedimentos. "No morro, o poder público não podia garantir o abastecimento de água acima da cota 50 em Vitória — isso é uma particularidade de nossa cidade. Podendo então ter um sacrifício menor, as pessoas não se recusaram a subir aos morros. Mas ainda tem a antiga e incorreta proibição de se morar acima de 50 metros do nível do mar. Mas é uma proibição que não vale mais."

morar nos morros, e cita como exemplo a primeira caixa d'água construída na Capital, que foi no Morro Santa Clara, e para lá foram pessoas de melhor padrão econômico. "É um morro onde existem casarões que denunciam um padrão econômico mais elevado dos moradores. Se não fosse essa mania do poder público de querer fazer tudo sem conseguir a metade, o quadro seria diferente também em outros morros, porque a iniciativa privada teria participado dessas ocupações e elas teriam sido mais ordenadas e as melhorias asseguradas para os locais", disse Daniel Alves.

Entraves

Sem condições de adquirir um terreno em área permitida e na planície, mais conveniente e econômico para as pessoas de baixa renda é invadir as áreas acima da cota 50 e construir seus barracos clandestinamente. "Por causa da falta de via de acesso, é mais cômodo levar tábuas que tijolos, telhas de amianto que coloniais, porque é um material mais leve no peso e também no preço", diz Daniel Alves. Também por ser uma área proibida, ninguém quer se sujeitar a fazer grandes investimentos para

sagem é mais agradável. Mas no início, até na planície era difícil conseguir água. No morro era impossível. E depois que as condições de abastecimento dos morros tornou-se possível, com as construções dos reservatórios de Santa Lúcia — que hoje não funciona mais —, os de Cobi e a caixa d'água de Carapina, surge a proibição absurda de ocupar tais áreas", garante Daniel Alves.

Troca

Joesil Furtado de Araújo mora há 25 anos no Morro do Moscoso. Na primeira parte da subida ele construiu dois prédios de três e dois andares. Disse que a casa original foi adquirida pelo seu pai Joaquim Alves de Souza, quando era deputado. Ele disse que gosta de morar no local, e sabe que as pessoas que moram nos morros são discriminadas e disse que, se tivesse que morar lá, com toda a infraestrutura mas um pouco mais acima, preferiria um local qualquer na planície. "Não adianta muito investir aqui, porque nossos imóveis não são valorizados e as pessoas não gostam de morar em morros", disse Joesil.

Dona Maria da Conceição Alves tem uma bonita casa no Morro

A VASP COLOCOU A AVIAÇÃO BRASILEIRA NA ECONOMIA DE MERCADO.

DE VITÓRIA PARA	VÔO	HORÁRIO	FREQÜÊNCIA
São Paulo	147	19:30	Diário
São Paulo	117	09:00	Diário
São Paulo	115	15:00	Diário
Belo Horizonte	117	09:00	Diário

ros do nível do mar. Mas a proibição apenas para quem sejeu construir seu imóvel, para os impostos e contribuir para na ocupação ordenada dessa faixa de terreno, porque o que se vê são invasões desordenadas e inúmeros problemas existentes nos morros da capital", frisou Daniel Alves.

Ele garante que as pessoas de maiores posses sempre desejaram

proibida, ninguém quer se sujeitar a fazer grandes investimentos para não ter nenhum retorno, se precisar negociar o seu imóvel.

O presidente do Creci garante que foram os entraves criados pelo poder público que tornaram a vida nos morros tão difícil e que só pessoas mais humildes se sujeitaram a ela. "Mas com certeza morar no morro é a maior ambição de quem possui bens. O ar é melhor e a pai-

Dona Maria da Conceição Alves tem uma bonita casa no Morro do Moscoso, onde reside há 32 anos. Disse que adora morar naquele local porque é mais fresco, não tem mosquito, mas o trocaria por um outro local como Goiabeiras, por exemplo, mesmo que não tivesse toda a infra-estrutura, e principalmente via de acesso, que é através de uma escadaria, para chegar até sua residência.

Corretor defende moradia no alto

O presidente do Conselho Regional dos Corretores de Imóveis (Creci) Daniel Alves disse que se não existisse a "absurda proibição de se construir acima de 50 metros do nível do mar", morros com paisagens lindas como o de Jesus Nazaré, Fradinhos e outros estariam abrigando residências importantes, muitas obras estariam sendo executadas na Capital, e não existiriam tantos problemas nos morros da Capital, por causa de ocupações desordenadas.

A maior crítica de Daniel Alves é que a proibição atinge os proprietários de terrenos nessas áreas — como ele próprio — que pagam impostos, e poderiam ser promotores de ocupações organizadas, "não fosse as difi-

culdades criadas por uma lei que na prática não funciona, porque todas as administrações sempre se mostraram impotentes e continuarão assim, para impedir que as ocupações continuem acontecendo nesses locais", frisou Daniel Alves.

Interesse

O presidente dos Corretores de Imóveis disse que sua principal suspeita é a de que essa proibição visa atender apenas a interesses de políticos que "fazem politicalha aproveitando essas áreas para estimular invasões ou fazerem vistas grossas quando elas são invadidas, porque terão aí um campo para desenvolver suas demagogias junto ao povo", frisou.

Daniel Alves disse que tem 65 mil metros quadrados de terra no morro de Fradinhos. Desses, apenas 15 mil ficam abaixo da cota 50, onde existem grandes casas. "Sempre paguei impostos e hoje tenho feito sacrifícios enormes e já até corri risco de vida para evitar invasões naquele local. Sou o dono legítimo e faria ocupações naquela área de forma adequada. Eles me impedem. Mais cedo ou mais tarde toda aquela área será invadida por alguma manobra política, e o que era proibido para quem poderia tornar aquilo funcional passa a ser permitido para que sejam criados problemas como os existentes em outros locais", disse Alves.

E TODO O MERCADO ESTÁ FAZENDO ECONOMIA.



Consulte seu agente
de viagens ou a Vasp.
Vitória (027) 222-0622.

VASP